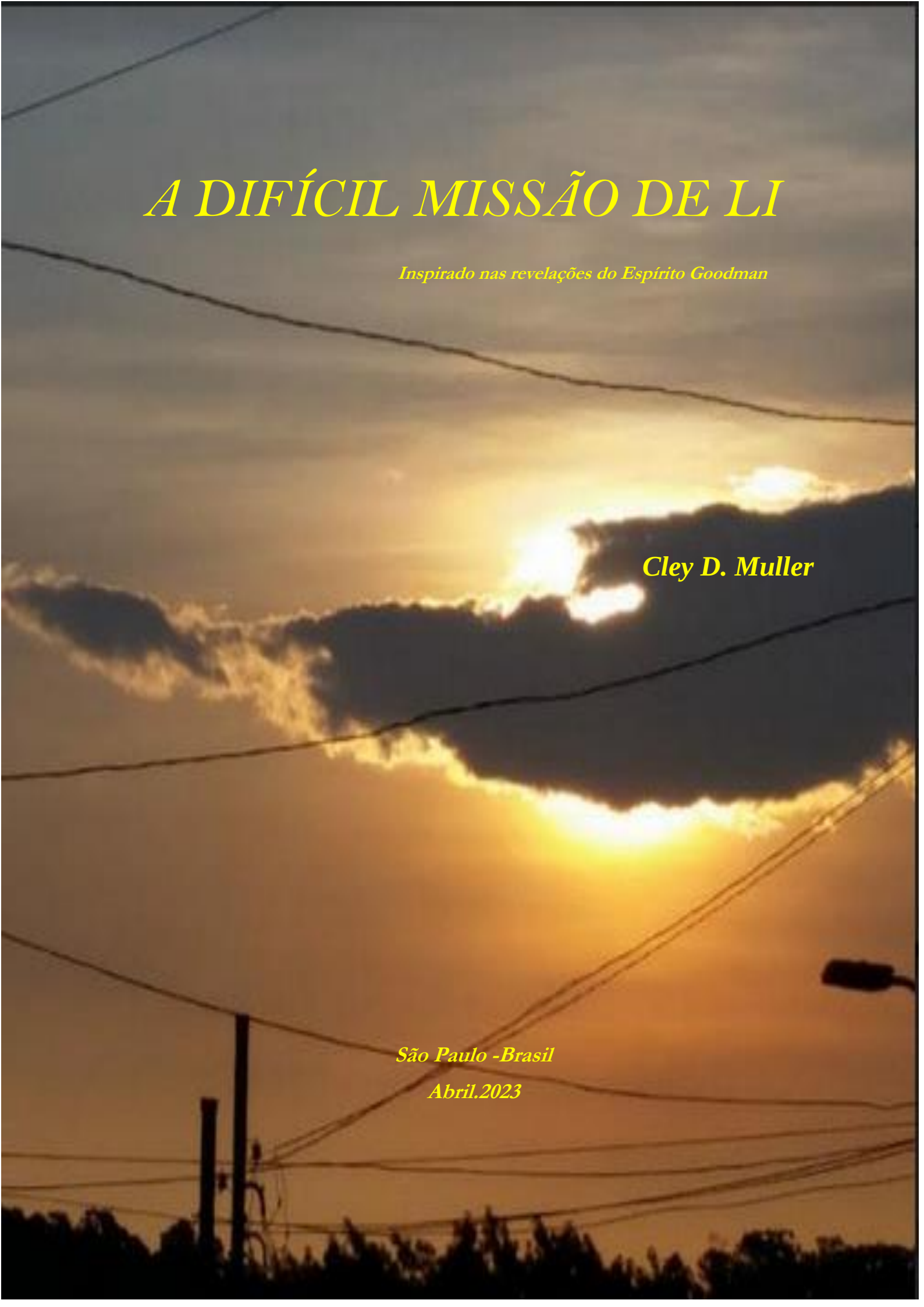


A DIFÍCIL MISSÃO DE LI

Inspirado nas revelações do Espírito Goodman

Cley D. Muller

São Paulo -Brasil

Abril.2023

Ao ler os capítulos de " A Difícil Missão de Li", o(a) leitor(a) irá compreender como o Plano Espiritual traça os destinos de pessoas que no passado tiveram desavenças cruéis, aqui apresentada com o assassinato de um marido por mando de sua esposa completamente alucinada por ciúmes de uma traição ocorrida no século XVIII, em Toronto, no Canadá, nos primórdios de sua colonização. Todos foram transportados através do processo de reencarnação para o final do século XX, menos o marido assassinado Jonny Taylor. Essa trama, com o relacionamento das pessoas próximas a Eliza Hoffman, uma pré-adolescente que sofreu a perda de seus pais na cidade de Sechelt, British Columbia, Canadá. Eliza é o centro desse romance espírita revelador, o qual se inicia com a experiência quase morta, que presenciou. Eliza retorna a Sechelt, após 10 anos e agora é dona de seus atos, porém não de seus sentimentos e pensamentos. Esta interferência dos espíritos nas pessoas vivas é o tema deste romance, para que você possa conferir, com olhos atentos.

Emoção não faltará, nem na sua imaginação!

Boa leitura!

(autor)

Aos nossos entes queridos, sejam encarnados ou desencarnados, não importa se não os vemos, mas sim o que sentimos por eles!

Autor

"A morte tem mais segredos a nos revelar do que a vida!"

Espírito Goodman

SUMÁRIO

Capítulo 01: ACIDENTE NA *SUNSHINE COAST HIGHWAY*
Capítulo 02: O RETORNO DE ELIZA (PARTE I)
Capítulo 03: SURGE O TRIÂNGULO AMOROSO
Capítulo 04: *BREAKFAST* COM RICHARD
Capítulo 05: TUDO ACONTECE NA FESTA DE ANIVERSÁRIO
Capítulo 06: BRINCANDO COM OS SENTIMENTOS
Capítulo 07: O BEIJO
Capítulo 08: CONFISSÕES DE UMA PRÉ-ADOLESCENTE
Capítulo 09: O DESENCARNE DE MORGAN
Capítulo 10: O RETORNO DE ELIZA (PARTE II)
Capítulo 11: TENTATIVA DE ASSASSINATO
Capítulo 12: FEBRE DE 40 ºC
Capítulo 13: ROGER TIRA ELIZA DOS BRAÇOS DE RICHARD
Capítulo 14: AS TRILHAS DE WEST SECHELT
Capítulo 15: MUDANÇA DE ESTRATÉGIA
Capítulo 16: O DESAFIO
Capítulo 17: JONNY TAYLOR EM AÇÃO
Capítulo 18: ROGER AFLORA SEUS SENTIMENTOS
Capítulo 19: PAIXÕES CONFUSAS
Capítulo 20: SUICÍDIO NUNCA É A MELHOR SOLUÇÃO
Capítulo 21: A CARTA ENIGMÁTICA
Capítulo 22: UM SONHO QUASE REAL
Capítulo 23: CORAÇÃO NOVAMENTE EM CHAMAS
Capítulo 24: O TRABALHO SOCIAL DE TIA MARY LEE
Capítulo 25: ELIZA VAI AO CENTRO ESPÍRITA
Capítulo 26: A DESPEDIDA
Capítulo 27: JONNY TAYLOR NA MESA DE DESOBSESSÃO
Capitulo 28: REENCONTRO COM O SEU VERDADEIRO AMOR
Capítulo 29: ELIZA INVESTE NOS SONHOS DE RICHARD
Capítulo 30: NEGÓCIOS EM ALTA
Capítulo 31: A UNIÃO, NOS NEGÓCIOS
Capítulo 31: REENCONTRO COM SEU VERDADEIRO AMOR
Capítulo 32: ENFIM, O DEPOIMENTO
Capítulo 33: O PLANO NA AGÊNCIA TOP STAR MODELS
Capítulo 34: A OPERAÇÃO SECRETA
Capítulo 35: A VERDADE É SOBERANA
Capítulo 36: UNIDOS PARA SEMPRE
Capítulo 37: TIA MARY LEE SE DESPEDE
Capítulo 38: ELIZA CUMPRE A SUA DIFÍCIL MISSÃO
NOTA DO AUTOR
QUEM É QUEM

Capítulo 01
ACIDENTE NA *SUNSHINE COAST HIGHWAY*

"Não há explicação mais entendível do que as palavras sabeis dos pais, em um momento de dúvidas sobre a continuidade da vida e a separação pela morte."

Espírito Godman

Sechelt, British Columbia, Canadá, 1995...

A família de Eliza Hoffman está de viagem marcada para o Hawaii e Morgan, a irmã de quatro anos mais velha e sua mãe Miriam, brasileira de nascimento estão tão empolgadas com toda a programação do *Hard Rocky Inn* (hotel internacional) na badalada da praia de Waikiki. Lá se apresentará a banda *MacToy*, que está fazendo o maior sucesso na Inglaterra e como toca algumas músicas do eterno Queen, até o Mr. Gunther estava contando as horas para chegar ao aeroporto internacional de Vancouver.

Era uma ensolarada manhã de domingo e tudo estava conferido, até o bloqueador solar FPS 30 (fator de proteção solar, o que equivale a 30 vezes mais proteção do que sem utilizá-lo) estava junto com as outras indumentárias. Era apenas uma viagem de taxi de uma hora pela *West Road Hwy* (rodovia de acesso à rodovia principal Sunshine Coast Highway, que corta o oeste de British Columbia) e, depois só mais alguns minutos de travessia pelo magnífico *Ferry Boat* (balsa para transporte de veículos e pessoas). Lá há um belo restaurante, onde a família Hoffman iria tomar o *breakfast* (café de manhã reforçado, que é a principal alimentação do dia para os Canadenses e Norte americanos). Porém um terrível acidente de trânsito na *Sunshine Coast Highway* vitimou os pais de Eliza Hoffman. Felizmente a irmã Morgan sobreviveu e Eliza esteve quase morta, foi encaminhada pelos socorristas a UTI (unidade de tratamento intensivo) do *Sydney Hopikins*

Hospital, e lá permaneceu por longos quatro meses e Morgan de apenas quinze anos, ficou em tratamento psicológico. Rezava pelo reestabelecimento de sua querida irmãzinha.

Enquanto isso, Eliza estava em outro plano, pois seu espírito, apesar de ligado ao corpo por um laço prateado, estava junto com seus queridos pais, porém eles já não possuíam os laços prateados e também não se podia ver os seus membros inferiores (pernas , joelhos e pés), sinal de que desencarnaram (faleceram) . Como os queridos pais de Eliza e Morgan tinham conhecimento do Plano Espiritual, sabiam que poderiam dar assistência a Eliza, mas não podiam interferir na decisão do Plano Maior sobre o destino e separação física entre ambos, ou seja, Eliza voltou de imediato ao seu corpo adormecido e uma lágrima escorreu de seus olhos, sinal da despedida que fez de seus queridos pais que ficaram na colônia espiritual *Choral Friends (Amigos do coral)*, localizada nas camadas superiores a cidade de Vancouver. De lá, pode-se deslumbrar a famosa aurora boreal com seus raios coloridos, que são ondas dos raios solares, refletidas no polo norte magnético.

Mr Gunther diz em forma de pensamento a sua amada filhinha:

–Li, nossa querida filhinha, você tem uma missão muito especial, que trará paz ao espírito de sua irmã Morgan. Sua mãe e eu estaremos acompanhando seu crescimento na Terra e confie no seu destino e na minha irmã Mary Lee.

Eliza em seu leito do terceiro andar da UTI (unidade de tratamento intensivo) do *Sidney Hopkins Hospital*, dá um tremendo susto a enfermeira chefe da UTI Pediátrica, Karen Benton, que apesar de muito experiente e acostumada a receber adolescentes no estado de coma, teve o maior susto, quando Eliza despertou de seu sono prolongado de quase três meses. Foram muitas lágrimas derramadas de sua face, que molharam o lençol azul daquela ala especial. Parecia que tinha chovido em seu leito. Após o susto Mrs. Smith, de imediato foi ao encontro de Eliza e a abraçou, retirou os aparelhos que estavam incomodando.

–Fala mocinha, como você se sente?

Eliza muito tímida e comovida com a despedida de seus pais, fala a enfermeira Karen Benton que sabe que os seus pais faleceram e que acabaram de se despedir...

–Nossa, *my Lord* (meu Deus)! Cruz credo, eu é que preciso de um calmante! Confusa e assustada, Mrs. Smith saiu correndo em direção a Sala da Enfermaria,

seu escritório administrativo. Muito religiosa, Karen Benton se recompôs após beber um copo de água com açúcar e lavar bem o seu rosto. Pensou consigo mesma: c*omo ela soube da morte de seus pais? Não importa, essa menina precisa da minha ajuda!*

E foi ao leito de Eliza, ter uma conversa mais amistosa e disse com carinho que sentiu muito pela perda de seus pais e que sua irmã Morgan estava a caminho do Sidney Hopkins.

–Eliza, minha irmãzinha, você voltou!

...e deu um forte abraço. Depois de muito choro, as duas irmãs fazem juras de que de agora em diante serão mais unidas do que nunca e que Morgan além de ser sua irmã, terá a responsabilidade de zelar pela sua educação e bem estar.

Enquanto isso, na Primeira Vara da Infância e Juventude de Sechelt, o Juiz Henry Brigton, após receber o parecer técnico do Perito Judicial e psicólogo Dr. Andreas Kerson, que assistiu Morgan durante todos esses meses de choque psicológico provocado pelo terrível acidente e separação de seus entes queridos, o eminente juiz Exmo. Dr. Brigton foi favorável a conceder a tutela de Eliza a Morgan, mas para a garantia do recebimento de 50% da herança deixada pelos pais falecidos, delibera manter 50% dos bens e valores monetários , equivalente a CAN$ 3 milhões , em depósito judiciário, que receberão correção monetária até que Eliza completasse seus 21 anos de idade. Os outros CAN$ 3 milhões mais o prêmio do seguro de vida dos pais, garantiriam os estudos, alimentação, moradia e lazer. Também ficou determinado pelo juiz, que a residência da cidade de Sechelt não poderia ser penhorada sem que Eliza tivesse se formado na universidade, pois esse era o desejo de seus pais, confessado por Morgan.

Assim, uma nova fase na vida das duas irmãs se iniciava, só que agora, estão mais unidas do que antes, até aquela fatídica noite de verão de 1996.

Capítulo 02
O RETORNO DE ELIZA (PARTE I)

Sechelt-BC/ Canadá, 2010...

Eliza abriu o portão daquela imensa casa abandonada. Disseram que era mal-assombrada, que o espírito da jovem que fora desencarnada (falecida) subitamente por um brutal assassinato, ainda permanecia vagando pela casa, pois estava desorientada e muito assustada com tudo o que se passara com ela. Antes, quando encarnada (viva em carne e osso), era muito feliz, tinha uma profissão, fama, dinheiro e muitos amigos que a adoravam. Não tinha inimigos assim pensara. Mas Eliza conhecera muito bem àquela jovem e todos os integrantes daquela casa, e sabia que nenhum deles faria mal a ninguém, nenhum deles assustaria ninguém. Também não acreditava em fantasmas, espíritos vagantes ou quaisquer destas coisas como vida após a morte. Isso tudo não passava de tolas crendices populares, pensava ela. E ainda que na mais remota hipótese admitisse a existência de espíritos, tinha certeza que não faziam mal a ninguém. Isso tudo era recente em sua mente e como nunca fora a um Centro Espírita lá de Viena, mesmo aconselhado pela tia Mary Lee, que é espírita, isso tudo não passava de imaginação de mente assustada, pensara: só o ser vivo é capaz de tudo.

Nunca associou a despedida de seus pais no Plano Espiritual , que ocorrera no acidente que os vitimou, como a passagem ao mundo invisível, sempre colocou em sua cabeça, que tudo foi fruto de sua imaginação de pré-adolescente, tão volúvel e cheia de imaginação, afinal , na época , só tinha treze anos de idade.

Em passos lentos percorreu o quintal onde outrora havia um maravilhoso jardim. Já fazia mais de dez anos que estivera ali, no entanto as lembranças de tudo o que ali tivera, sobretudo de sua infância, ainda eram muitos fortes. E por um momento, fechou os olhos e teve uma visão tão real que a sua impressão foi de ver a si mesma, com aproximadamente seis anos de idade, brincando de pega-pega com

os primos Roger e Rachel , que apesar de mais velhos que ela , adoravam brincar com Eliza e seus amiguinhos que moravam pela vizinhança...

Todos estavam escondidos atrás das árvores dos fundos daquela imensa casa, enquanto o primo Roger acabou a contagem e se virou para localizar todas as crianças, que corriam para chegar até o local do pique....e com suas mãozinhas sujas de tanta traquinagem, tocaram, e caíram na gargalhada e entonavam a frase:: “Roger é como a Ana, tem cara de Banana!

Com muita raiva, o menino bateu as mãos no pique e desatou a chorar, apenas o suficiente para os pais de Eliza aparecerem e encerrarem a brincadeira.

A porta de madeira trabalhada rangeu, e Eliza abriu os olhos, viu um vulto com cabelos cor de mel e sentiu brevemente o perfume de sua doce irmã Morgan. Apesar da claridade do dia, a casa estava escura, sombria, e tinha um cheiro irritante de mofo pairando no ar. Então como pode ser acometida daquela visão? Pensou que estava tendo alucinações ou ficando louca. Bem que sua tia Mary Lee a avisou para que se afastasse daquela casa, pois ainda não estava preparada para entender o que se passara com Morgan e nem sobre a comunicação de espíritos com os encarnados. Somente com a ajuda da espiritualidade, o dia da revelação seria permitido, para que a sua alma ficasse em paz.

Tia Mary Lee sabia, que um dia levaria sua querida sobrinha ao “Allan Kardec Spiritual House” (Centro Espírita Allan Kardec) de Vancouver , onde era membro do conselho diretor e era dirigente de uma das atividades mais importantes , que ocorre nas sessões de desobsessões (atendimento aos espíritos sofredores e infelizes , em sessões mediúnicas , que são orientados aqui no Plano Terrestre a se arrependerem e assim se iluminarem a ponto de enxergar no Plano Espiritual o caminho para serem tratados e direcionamento ao *Choral Friends*, que é uma Colônia de Recuperação . Tudo isso acontece a partir das lições e aprendizados através de toda a literatura filosófica, científica e religiosa que o Professor e pedagogo (educador francês do século XIX) Hippolyte Léon Denizard Rivail, sob o pseudônimo de Allan Kardec, codificou a Doutrina Espírita. Também intitulada a Terceira Revelação à Humanidade, lembrando-se que:

– A Primeira Revelação foram as Leis de Deus aos Homens, transcritas em placas de pedras , psicografados por Moisés , no monte Sinai , conhecida como os Dez Mandamentos;

– A Segunda Revelação foi o vinda do Messias (salvador) a Terra, no corpo de Jesus Cristo de Nazaré, que ensinou o caminho da felicidade através do amor de Deus aos Homens;
– A Terceira Revelação, foi a publicação dos livros: “Livro dos Espíritos”, “Livro dos Médiuns”, “O Evangelho segundo o Espiritismo”, “O Céu e o Inferno”, “A Gênese” e “Obras Póstumas”.

... que abriram as cortinas do Mundo Invisível, com metodologia científica desse iluminado pedagogo e professor francês.

Eliza Hoffman abriu as enormes janelas de vidro da sala de estar para entrar um pouco de ar puro e contemplou com tristeza àquela que um dia fora sua casa, com o convívio dos seus queridos pais e irmã Morgan. Uma casa adorável e com muitos cômodos generosos onde se realizavam festas memoráveis.

Subiu as escadas, avançou pelo corredor e foi direto ao quarto dos pais. Falou consigo mesma :mãezinha, papai, como eu sinto a falta de vocês dois, eu os amava tanto!

A casa estava abandonada e deserta, não havia mais nenhum móvel ali, mas, a cada cômodo percorrido, Eliza parecia ver o ambiente da mesma maneira como fora anteriormente. Passou pelo quarto da irmã Morgan. Depois, entrou naquele que fora seu quarto, encolheu-se num canto e ficou agachada, com os braços apertando o seu peito de tanta dor que sentia, enquanto as lágrimas lavavam o seu rosto. De repente, um súbito frio em sua nuca fazia seu corpo todo estremecer. Parecia que *algo* passou por dentro de seu corpo, *alguma coisa* tão *amarga* que jamais havia experimentado ...sentiu arrepios em toda a sua pele e o seu desejo era o de sair correndo e pular pela janela....que horror, seria uma tentativa de suicídio que jamais Eliza pensara antes, mesmo com todas as adversidades ocorridas na sua infância.

Fechou os olhos, sentiu-se mergulhar nas lembranças do passado. O dia em que seus pais desencarnaram (morreram), num terrível acidente na temida Sunshine Coast Hwy (que liga o continente a Vancouver), nunca mais seria esquecido, afinal ela e a irmã estavam juntas e sobreviveram apenas por um milagre. *Mal sabia ela que fora providência Divina, pois sua verdadeira missão está por vir*. Assim como também jamais sairia de sua mente o dia em que sua irmã Morgan, de apenas dezoito anos de idade...

Eliza tinha apenas treze anos e fazia apenas um pouco mais de um ano que havia perdido os pais. Ainda sentia muito a falta deles, e Morgan a era tudo o que ela tinha.

A dor no peito estava sufocando , quando concentrou os seus pensamentos em sua querida irmã Morgan, escutou vozes em sua mente confusa, parecia uma multidão falando ao mesmo tempo e de repente uma única voz de comando ecoou em sua mente: *saia daqui*, *jamais saberá quem assassinou sua queridinha irmã....vá ou eu (em tom de ameaça) te*...quando de repente o seu telefone celular tocou, e imediatamente saiu daquele estado de transe de tão baixo nível de vibração, que poderia subjugá-la a ponto de se perder numa tentativa de suicídio ou algo parecido . *Graças a Deus* que era a influência da tia Mary Lee com sua providencial voz lúcida e suave que a tirou dessa agonia profunda. Pediu, mentalizando-a com passes à distância, enviando vibrações positivas. Rogou para Eliza imediatamente rezasse o ensinamento que Jesus Cristo nos deixou, o "*Pai Nosso"* com muita fé , para que o seu guia espiritual pudesse afastá-la da influência maligna daquele terrível espírito inferior, que *habitava* aquela mansão e dominava todos os outros, incluindo aquela que fora um dia a sua querida irmã.

Como a sua raiva ainda não dissipava completamente, ainda teve coragem de gritar em voz alta: *maldito assassino, irá pagar pelo que fizera à sua irmã, ela prometeu.* Não o deixaria em paz, enquanto vida tivesse. E mal sabia que o espírito de Morgan estava alimentando essa vontade de vingança na mente de Eliza a mando de seu maligno opressor Jonny Taylor, o mesmo que subjugou o verdadeiro assassino a matá-la por amor, ódio e ganância ao mesmo tempo.

Maldito Richard Benton, você matou a minha irmã e pensar que um dia eu o amei tanto!

Capítulo 03
SURGE O TRIÂNGULO AMOROSO

Em matéria de amor, tudo vale a pena. Se a paixão se transformar em ódio ou vingança, não será amor nem paixão, mas sim destruição do maior valor que Deus nos confiou: a vida!

Espírito de Luz

Sechelt, Canadá, 1996

Ao chegar da escola de ensino médio Kinnikinnick Elementary School, Eliza largou a mochila em cima da mesinha de centro da confortável sala de estar, tirou os *snikers* (tênis) e correu para a cozinha, procurou qualquer coisa para comer. E, embora não tivesse encontrado muita coisa que pudesse satisfazer ao exigente paladar de uma garota que acabara de completar treze anos de idade e era fissurada por chocolate, contentou-se com um pacote de bolacha tipo *waffer* sabor morango e uma lata de *refri* (refrigerante), antes de ler o recado grudado na porta da geladeira:

Eliza querida, chegarei um pouco mais tarde hoje, mas deixei o jantar pronto. Beijos, Morgan.

–Hum – ela limpou as migalhas da mesa. A irmã, que era adepta à comida natural, principalmente saladas, não poderia desconfiar que ela trocou o jantar, politicamente correto, por um “lanchinho” nada correto e muito menos natural, mas muito saboroso.

Em seguida, como não tinha nada urgente para fazer, a não ser estudar para a prova do dia seguinte, foi para a sala, se estirou à vontade no sofá e ligou a televisão, apenas para ver as imagens, pois o som do seu CD Player estava quase estourando em seu ouvido. Ouvir música era seu passatempo favorito, sobretudo *rock-and-roll.*

Acabou adormecendo apenas alguns instantes depois e acordou com alguém tocando em seu ombro, mas ela imaginou que ainda estivesse sonhando ao ver o belo jovem de olhos azuis à sua frente.

Quem era aquele Deus Grego do Olimpo de camiseta branca e calça jeans desbotada?! Perguntou-se, enquanto tirava os plugues dos fones do ouvido e sentava.

–Quem é você?

–Richard ...Richard Benton.

Os olhos cor de mel da garota cintilaram, o coração se agitou como nunca antes, e ela fez força para não soltar um suspiro. *Richard. Não é que é um belo nome, very cool* (muito manero)!

–Como... como entrou aqui?

Ele sorriu, e aquele era o sorriso mais fascinante que Eliza já vira em toda a sua vida. Achou que era até um pecado alguém ser tão encantador.

–Juro que não invadi a casa – respondeu o rapaz com jeito extrovertido. – Sou namorado da sua irmã – e estendeu a mão macia para cumprimentá-la.

Agora o coração da garota despencou até os pés. Morgan, sua irmã mais velha, havia mesmo comentado que estava namorando com um carinha que conhecera na agência de modelos onde trabalhava e iria trazê-lo para conhecê-la. Mas esquecera de avisar que era um príncipe encantado, pensou Eliza.

–Muito prazer. – Ela tentou disfarçar a timidez quase sufocante retribuir o sorriso dele com outro. – Meu nome é Eliiiiizaaaa, mas os amigos me chamam de Li.

Ele sorriu, deu um beijo em seu rosto de menina e pareceu distraído ao apertar rapidamente a mão de Eliza, mas, inconscientemente, gravou em sua mente todos os detalhes do delicado rosto à sua frente, que ganhara grande destaque porque os cabelos estavam presos para trás, num longo rabo-de-cavalo.

Ela não era muito parecida com a irmã, que era muito bonita e sensual já com as curvas de uma mulher e sabia usufruir muito bem disso, mas os olhos cor de mel e a boca cheia e bem delineada fizeram Richard lembrar-se ligeiramente das esculturas bem delineadas que acabara de ver na semana passada, no museu do Louvre de Paris, enquanto aguardava a sessão noturna de fotografias para a propaganda de uma grife (marca famosa) francesa. O prazer é todo meu.

No instante seguinte, Morgan apareceu e entregou uma latinha de um isotônico ao namorado, antes de fazer as apresentações:

–Richard, essa é a Li, minha irmã. Li, esse é Richard.

Ainda descontraído, o rapaz sentou-se numa poltrona, tão aconchegante e macia que mais parecia uma cama. Esticou as pernas compridas e tomou um gole do isotônico.

–Já nos apresentamos.

Quando Morgan se aninhou no colo de Richard, Eliza achou que eles faziam um casal perfeito, mas não conseguiu evitar uma pontinha de inveja.

–Eu... eu vou subir – decidiu.

–Não se esqueça de levar seus livros e suas sandálias – alertou Morgan.

–Ah, claro, claro...

Eliza subiu as escadas correndo, foi direto para seu quarto. Ainda não era capaz de entender o que se passara em seu coração de menina, porque ele se agitara tanto. Mas, pela primeira vez em sua vida, tirou quase toda a roupa defronte ao espelho e se comparou a irmã. Morgan era modelo por profissão e era também seu modelo de beleza. Mas a garota sabia que era diferente, não tinha os mesmos olhos azuis e nem a pele tão clara. Morgan herdara os olhos e o tom de pele do pai, que era descendente de Austríacos, enquanto ela herdara os olhos cor de mel e o tom de pele bronzeado da mãe, que adquiriu cidadania Canadense , mas jamais escondeu sua origem brasileira, descendente de famílias bastante híbridas de uma região tropical, muito ensolarada .

Nunca antes isso fizera diferença, porque seus valores eram diferentes. No entanto, gradativa e imperceptivelmente, ela estava mudando. Afinal já era uma pré-adolescente aponto de ter a sua premira menstruação a dois meses atrás. Pouco a pouco, o que parecia irrelevante começava a ter valor, ficava cada vez mais exigente consigo mesmo e se cobrava um padrão de beleza e de moda; embora, inconscientemente, lutasse para não se tornar tão fútil quanto algumas de suas amigas, que só pensavam em triturar o dinheiro de seus pais nos *Malls* (shopping centers), comprando roupas e outras coisas sem necessidade, que jamais iam vestir ou usar.

E como era o mês de julho, verão no hemisfério norte, por estar quente, assim, simplesmente vestiu uma camiseta e um shortinho velho e se jogou na cama, depois de ligar o aparelho de CD Player no último volume e colocar o Compact Disc (CD) do seu grupo de rock predileto: *McToy* (banda musical constituída de adolescentes Britânicos).

Não demorou muito para Morgan surgir em seu quarto, com a cara de irritada e aos berros.

–Caracas, Li! Já lhe disse para não aumentar o volume do som desse jeito, vai acabar surda! – e desligou o som, com raiva. – Repetiu a bronca: se quer estourar seus tímpanos esse é um problema seu! Mas não estoure os meus, tá legal? E nem abuse da minha paciência!

– Está bem, está bem! – A irmã era mesmo uma estraga-prazeres. – Vou usar os *head phones* (fones de ouvido) e assim vou curtir sozinha a minha música.

No dia seguinte, Eliza chegou da escola um pouco depois das nove horas da noite. Ela e uma turma de colegas haviam se reunido na casa da Katty Flitt, sua melhor amiga, para fazer um trabalho escolar, mas também aproveitaram para falar de assuntos realmente interessantes: garotos, novelas, seriados da TV e moda. Por isso, as horas se passaram sem que percebessem.

–Onde estava até essa hora? – perguntou Morgan, assim que Eliza colocou os pés dentro de casa.

–Passei na casa da Katty para fazer um trabalho.

–E por que não ligou? Sabe que eu fico preocupada.

–A bateria do meu celular descarregou, de tantas fotos e vídeos que fizemos.

Desde o acidente que vitimou os pais e o irmão caçula, há um pouco mais de três anos atrás, Morgan, de apenas vinte e três anos de idade, cuidava da irmã como se fosse sua filha. Mas porque a garota ainda não tinha compreensão suficiente das responsabilidades que coubera à Morgan, achava-a exagerada, preocupada demais.

–Pois se preocupou à toa – disse, após jogar a mochila num canto da sala e se jogar no sofá. – Eu estava apenas estudando.

Paciente, mas com tom de voz firme como convinha ser, Morgan sentou-se ao lado e comentou:

–Querida, entendo que o início da adolescência seja uma fase difícil, também já passei por isso, mas não esqueça que só temos uma à outra...

–Mas você está pior que a mamãe, Morgan. Pega no meu pé por tudo – reclamou a garota. – Quando vai entender que não sou mais uma criança?

Morgan quase sorriu, mas conseguiu manter o rosto sério.

–Está certo, querida. Não deveria mesmo tratá-la como uma criança. Já é quase uma mocinha.

A garota cruzou os braços sobre o peito, com a cara de enfezada.

–Não sou *quase* uma mocinha, eu já uso absorvente!

Desta vez, Morgan não conseguiu conter o riso.

–Errei de novo, não é mesmo? Desculpe.

O sorriso fácil de Morgan contagiou todo o ambiente e inclusive a própria Eliza. Não havia como ficar aborrecida com alguém que ria dos próprios erros, admitiu a garota. E então envolveu o corpo esguio da irmã num abraço apertado.

–Eu é que tenho de pedir desculpas.

–Promete então que não fará mais isso?

–Prometo – e olhou para trás no momento em que Richard apareceu, com uma minúscula sunga de banho azul marinho. – O que está fazendo aqui...quase pelado?!

Ao ouvir isso, ele imediatamente sorriu. Richard era quase um naturista.

–Não estou pelado. Estou de sunga.

Eliza Litou para não fixar o olhar em Richard, ou naquilo que ele ousava chamar de sunga. Segundo o que sua mãe dizia: os olhos eram espelhos da alma, e ela temeu que os seus pudessem revelar o que estava pensando naquele momento.

–Eu estava na piscina – continuou Richard. – Algum problema?

–Não... ah... O que estava fazendo na piscina a essa hora?

–Refrescando-me desse calorão de quase 30 ºC.

Para uma noite de verão quente como aquela, a pergunta tinha sido de fato muito estúpida, reconheceu Eliza, corando de vergonha.

–E aí, vocês vêm? A água está uma delícia.

–Não. Eu...eu... vou para o meu quarto – respondeu Eliza, levantando-se de um pulo e pegando sua mochila.

–Vamos lá, Li – incentivou Morgan. – Nada melhor do que um mergulho na piscina num dia quente como o de hoje, que para Vancouver é muito raro, temos que comemorar na piscina mesmo!

A garota tornou a lançar um olhar rápido e tímido para Richard. Com os cabelos escuros ainda úmidos e o corpo musculoso todo à mostra, o homem parecia um Deus grego, como Apolo dos tempos modernos.

–Não. Eu vou jantar e depois eu... eu vou estudar. Tenho prova amanhã – explicou, de forma toda atrapalhada.

Morgan não pôde deixar de sorrir. Às vezes, a irmã era tão tímida que chegava a ser engraçada. Mas ela tinha esperanças que Eliza mudasse com o tempo. Afinal, ninguém em sua família era tão tímido daquele jeito.

–Tudo bem. Você é quem sabe.

Eliza bem que tentou estudar, mas sua atenção se voltava a todo o momento para os sussurros e risos contidos do lado de fora.

Apesar disso, ela continuou tentando se concentrar na matéria. No entanto, quanto mais se esforçava para fixar sua concentração nas mudanças climáticas provocadas pelo aumento das emissões de gás carbônico e distúrbios climáticos e suas consequências atuais e futuras, mais sua curiosidade aumentava para ver o que estava acontecendo na piscina. *Aliás, quem poderia se concentrar em ciências numa situação daquela?* Perguntou a si mesma.

Sem aguentar mais a curiosidade, ela se levantou, abriu uma pequena brecha da janela do quarto e avistou a irmã e o namorado se agarrando sobre a espreguiçadeira ao lado da piscina. Na verdade, faziam mais do que isso, muito mais do que isso, notou Eliza, com os olhos arregalados.

–Argh! O quê...?! O que será que estão...?

Eliza sabia alguma coisa sobre sexo, conversava com as amigas sobre o assunto e via revistinhas ou sites pornográficos, mas de fato nunca se interessou tanto pelo assunto porque, em sua cabeça ainda de menina, o ato sexual era uma coisa dolorida e nojenta.

Mas, naquele momento, a impressão que teve era que a coisa não poderia ser tão dolorida ou nojenta assim. Afinal, a irmã sorria de felicidade refletindo que a sensação era boa e se acima de tudo, não estivesse gostando muito, refletiu a garota, já teria saído de cima do corpo suado do Richard , e ficou completamente impressionada com a cena.

–Caramba!

Ela não podia controlar a curiosidade, por isso continuou ali, observando. E, como a janela do seu quarto oferecia uma visão totalmente privilegiada, pôde ver até quando a irmã e Richard atingiram o clímax e depois mergulharam na piscina, satisfeitos e sorrindo como duas crianças.

–Uau!

Quando por fim fechou a janela e voltou a se deitar, Eliza tinha certeza que o sexo devia ser algo realmente muito agradável. Eles não ficariam com caras de bobos se não fosse assim, pensou, enquanto fazia um esforço absurdo para tornar a se concentrar em ciências, na prova que teria na primeira aula do dia seguinte.

Naquela noite, porém, a garota não conseguiu mais estudar e tivera muita dificuldade para dormir. E quando finalmente conseguiu adormecer, tivera um sonho que para sua tranquilidade não lembraria depois, sonhou com Richard... fazendo amor com Richard.

Capítulo 04
BREAKFAST COM RICHARD

Alguns meses depois...

Ainda era muito cedo quando Eliza despertou, com o toque sutil da mão de Morgan.

–Li... Li?

Como abrir os dois olhos era um esforço excepcional naquele momento, a garota abriu apenas um deles, tornando a fechá-lo assim que resmungou:

–O que foi, Morgan? Algum problema?

–Tenho uma reunião com meu agente agora às dez horas da manhã. Vamos analisar uma proposta para um programa do Fox Chanel 20 (Canal de TV paga) e Morgan ofereceu um sorriso extraordinário. Desde pequena, participava assiduamente de desfiles e campanhas publicitárias, mas sempre sonhara ser apresentadora ou atriz de Hollywood, por isso fizera cursos de interpretação e recusara recentemente um bom contrato de uma agência internacional, onde certamente iria faturar milhões de dólares canadenses , para poder se dedicar um pouco mais ao curso de artes cênicas que iniciara há alguns meses. E muito embora a proposta fosse para ela fazer apenas uma pequena participação semanal em um programa de entretenimento local , conhecido como *Fashion Day* (dia da moda), onde falaria por alguns minutos sobre maquiagens e roupas da moda, ela estava muito animada, pois sentia que aquela oportunidade poderia ser o início de tudo, poderia ser a porta aberta que a conduziria aos seus objetivos. – Não é o máximo? Ei, você está me ouvindo? Acorde, dorminhoca.

Sem entender quase nada do que a irmã falara, Eliza repetiu apenas o que conseguiu captar:

–Agente... proposta... televisão.

–Isso mesmo. O Richard chegou muito tarde do desfile, veio ontem à noite direto para cá. Está dormindo em meu quarto. Entendeu?

A voz de Morgan estava cada vez mais longínqua e Eliza repetiu novamente as únicas coisas que conseguiu captar:

–Richard... dormindo...

Morgan falou mais alguma coisa, mas Eliza já havia se entregado completamente aos braços de Morfeu (Deus do sono, da riquíssima mitologia grega). Apenas um nome continuava ressoando em sua mente, nos seus sonhos:

–Richard... Richard!

–Ei, sua sacana, está sonhando com meu namorado?

A pergunta fez com que Eliza abrisse os olhos, mas a irmã continuava sorrindo.

–Hem?

–Continue por aí sua dorminhoca, o seu mal é o sono.

Eliza acordou algum tempo depois e, como era de hábito, ainda de camisola de algodão e pantufas de ursinhos, foi até o quarto da irmã. Não conseguia discernir direito se Morgan fora ao seu quarto para avisar que tinha uma reunião com seu agente ou se apenas sonhara com isso. Na dúvida, abriu a porta do quarto de Morgan e encontrou Richard esparramado na cama, apenas de calça de cueca vermelha e num sono profundo.

Mesmo dormindo, ele era maravilhoso de se ver. O rosto admiravelmente forte, os cabelos castanhos desgrenhados, a pele clara, porém, bronzeada pelo sol, e o corpo malhado faziam qualquer mulher suspirar, pensou Eliza, que se aproximara apenas para ter o pequeno prazer de vê-lo mais de perto.

Em outras ocasiões, ela morria de vergonha de fitá-lo, por isso se mantinha tão discreta quanto uma sombra na noite, ou quanto as estrelas no céu nublado.

Mas, mesmo dormindo, Richard sentiu uma presença física ao seu lado e se remexeu. E uma mulher que recendia a delicadas flores do campo começou a fazer parte de seu sonho. Ela tinha lindos olhos cor de mel, embora ele não conseguisse distinguir direito seu rosto.

Richard então estendeu a mão para tocá-la, mas ela tentou fugir, por isso ele a agarrou pelo pulso e a puxou para si.

–Largue-me, seu bruto!

O grito ecoou em seus ouvidos e ele acordou assombrado. Soltou-a imediatamente e levantou de um pulo.

–Por Deus, garota! O que está fazendo aqui?!

Assustada e embaraçada, Eliza desatou a tremer.

–Calma, calma... – pediu Richard.

E porque ela continuava tremendo e era apenas uma criança, Richard a abraçou, aninhando a cabeça dela em seu peito.

–Não quis assustá-la. Por favor, desculpe-me.

Mas o gesto tão sem malícia somado ao fluxo de sentimentos que aflorou no jovem coração de Eliza, acabou por assustá-la ainda mais. Embora ela reconhecesse que não havia sentido em ficar assim, com o coração tão disparado por causa de um simples contato. Assim como não havia sentido e nem muito menos razão para aquele ridículo senso de traição à irmã. Mas como não conseguia controlar as batidas do coração, correu de volta para seu quarto, fechou a porta, encostou-se nela e começou a chorar. Contudo ela chorava não porque estava com medo de Richard, e sim porque estava com raiva de si mesma. Não poderia admitir que tivesse se apaixonado pelo namorado de sua irmã. Nunca. Jamais!

Algum tempo depois, quando finalmente se encorajou e desceu para preparar o *breakfast* (café-da-manhã reforçado, que a principal refeição do dia para os Canadenses e descendentes anglo-saxônicos), encontrou Richard na cozinha, completamente à vontade, sem camisa e de calça jeans. Quase voltou para trás, mas estava com fome demais para isso.

–Bom dia. O que está fazendo?

–Preparando o *breakfast* – tornou ele com um sorriso.

–Ah... deixe que eu preparo – e se aproximou de forma atabalhoada do fogão. A cozinha era super espaçosa, mas de repente parecia ser pequena demais para os dois.

–Não se preocupe, já está quase pronto – disse ele, percebendo a cautela se insinuar no olhar de Eliza, quando chegou mais perto.

–Então me deixa terminar. Faço questão.

E porque estava muito nervosa, também sugeriu:

–Se quiser, pode esperar lá na sala. Quando estiver tudo pronto, eu aviso.

Mas Richard não arredou o pé.

–Já lhe disse que está quase pronto.

–Mas... ahn...

–Já que quer ajudar, por que não arruma a mesa enquanto isso?

–Ah, sim, claro.

Totalmente embaraçada, ela abriu o armário para pegar as canecas e os pratos. Pegou também um pacote de torradas e outro de biscoitos de chocolate, enquanto observava Richard pelo canto dos olhos.

Ele serviu o café e sentou-se tranquilamente, esperando que ela também sentasse. Como isso não aconteceu, perguntou:

–Você não vai comer ou tomar nada?

Ela se sentia uma completa idiota por agir assim, mas seu desejo era de sair correndo dali e voltar a trancar-se em seu quarto.

–Não estou com fome.

–Claro que está – disse ele, após tomar um gole de suco de laranja. – Não seja tola, sente-se. Eu não mordo.

Fazendo um enorme esforço para relaxar, ela finalmente sentou. Depois, comentou:

–Desculpe. Eu sou assim mesmo.

Richard passou creme de amêndoa em um pedaço de torrada e estendeu para ela.

–Assim mesmo como?

–Assim, tímida – tentou explicar ela, após morder a torrada e saborear o suco de laranja– É o meu jeito, sabe?

Os olhos se encontraram neste instante. E, pela primeira vez, Eliza sustentou o olhar, até que seu sangue esquentou e as faces coraram.

Richard sorriu para ela mais uma vez, tentando fazê-la ficar à vontade.

–Também era tímido quando criança. Mas consegui superar o problema.

–É? Como?

–Enfrentando o problema – disse ele simplesmente.

–Você faz tudo parecer muito fácil, embora não seja tão fácil assim. – Mas, de qualquer forma, ela começava a se sentir mais descontraída.

–Não disse que foi fácil, apenas que enfrentei o problema.

Era difícil acreditar que o homem à sua frente fora algum dia tímido, pensou Eliza, ao vê-lo atacando as torradas e os biscoitos como se fosse um urso pardo faminto comendo salmão fresco, recém retirado das corredeiras.

Richard notou a cara de espanto dela e perguntou:

–O que foi?

–Vai sobrar algum *donut* (biscoito doce em forma de rosca conhecido também como *dunkin-donuts*, que significa o hábito de se mergulhar o biscoito em uma xícara de café ou leite) pra mim?

Ele tornou a sorrir e automaticamente estendeu um donut com recheio de chocolate para ela.

–Pensei que você estava sem fome – brincou.

A timidez por um instante esquecida, Eliza também sorriu.

–Acho que meu apetite se abriu só em vê-lo comendo tanto.

Richard descobriu-se de repente fascinado com aquele sorriso.

–Nunca vi você sorrindo assim. Deveria sorrir mais. Fica linda quando sorri – disse com honestidade.

No mesmo instante a timidez voltou, e o sorriso desapareceu dos lábios de Eliza.

–Oh! Obrigada.

E no instante seguinte ela começou a se levantar, mas Richard segurou sua mão por cima da mesa.

–Ei, calma, foi só um elogio.

–Eu... eu sei.

–Então por que não termina o seu *breakfast*?

–Já estou satisfeita.

Mas Richard continuava com a mão macia por cima da dela, dando-lhe a impressão maravilhosamente perturbadora de que nunca mais ia soltá-la.

–Não está não. Você quase não comeu. Por favor, termine o seu *breakfast*.

–Já lhe disse que estou satisfeita – disse ela novamente, tentando se livrar daquela situação embaraçosa.

–É melhor então eu me retirar para que você possa comer. Sei que está envergonhada com a minha presença.

Era de fato uma completa imbecil, disse Eliza a si mesma, quando Richard saiu. Mas depois o encontrou sentado no sofá da sala e pediu desculpa.

–Por que está me pedindo desculpa, Li, se não fez nada de errado?

Ela tomou coragem para sentar-se ao lado dele.

– É que eu pensei que havia magoado você. Afinal, nem terminou o seu dejejum.

Num gesto distraído, Richard roçou um dedo pelo rosto de Eliza.

–Claro que não me magoou. – E acrescentou: – E eu duvido muito que conseguiria magoar alguém assim à toa.

Capítulo 05

TUDO ACONTECE NA FESTA DE ANIVERSÁRIO

Setembro de 1996...

–A que horas o Richard vai chegar?

–Por volta das dez e meia, se não houver atraso no embarque.

–E ele está bem? Como foi lá em Madri?

–Um sucesso.

–Que bom!

–Estava contando os dias para ele voltar...

Eliza arqueou as sobrancelhas, naturalmente finas e elegantes.

–Saudades?

–Ele tem viajado muito ultimamente. E demora cada vez mais para voltar. Não há coração que suporte isso.

–Está apaixonada por ele, Morgan?

–Não tenho certeza, acho que sim.

Ignorando por completo a pontinha de ciúme que insistia em seu peito, Eliza abriu as portas de seu enorme guarda-roupa. Havia um monte de roupas ali, mas ela não sabia o que vestir.

–Não entendo por que brigam tanto, se estão apaixonados – comentou, enquanto jogava um monte de peças de roupa sobre a cama.

–Talvez seja por isso mesmo que brigamos.

Apesar da resposta não ser nem um pouco convincente, Eliza não contestou. Estava preocupada demais com o que vestir para discutir com a irmã sua filosofia de vida.

–Não quer me ajudar a escolher uma roupa? Estou tão indecisa...

–Claro. – Morgan se aproximou e fez algumas caretas e comentários do tipo “esse não”, “esse também não”, enquanto jogava as roupas de um lado para o outro da cama. Depois, comentou com um sorriso debochado: – Hum... Acho que você está precisando fazer umas compras no Mall (shopping Center) , maninha.

–Engraçado. Muito engraçado. Preciso de uma roupa *high style* (da moda) para hoje, tá legal?

–Certamente! Mas espere só um minuto, vou buscar um negócio.

Ainda sorrindo, Morgan voltou apenas alguns instantes depois, com um vestido preto nas mãos.

–Experimente esse.

- Mas você nunca usou esse vestido, Morgan! Tem certeza que...?
- Claro, claro. Na verdade, eu guardei para uma ocasião especial. E não há nada nesse mundo que seja mais especial do que o seu *birthday* (dia do seu nascimento). Além disso, acho que ele vai ficar perfeito em você.

Eliza colocou o vestido na frente do corpo e contemplou-se no espelho. O feitio era simples, sem mangas, justo na parte de cima e soltinho dos quadris até os joelhos. Mas ela simplesmente adorou, sobretudo os babadinhos que transpassavam o busto em forma de xis.

–Eu nunca usei nada igual. É lindo!

–Está na hora de aprender a se vestir. Agora, vamos, experimente! Quero ver como fica.

O vestido caiu como uma luva. E, com um pouco de espanto, Eliza notou que parecia mais madura.

–O que achou?

–Os garotos vão babar quando você descer a escada. Você está linda.

–Sério mesmo? – Ela virou as costas para o espelho para contemplar o decote.

Não estava acostumada a usar roupas muito sensuais. – Será que não está muito escandaloso?

–Lógico que não, sua boba. Agora, sente-se aqui, vou arrumar seu cabelo.

Eliza sentou em frente à penteadeira.

–Acho que vou deixar os cabelos soltos, para cobrir o decote.

–Ainda não aprendeu a usar sua sensualidade, não é? Mas tudo bem, com o tempo aprenderá. Ainda é muito jovem.

–Só não gosto de roupas decotadas demais. Fico me sentindo... vulgar.

Morgan tinha de reconhecer que para quem só vestia saia ou calça jeans desfiadas, camiseta e coturno, que mais se assemelhava a botas de soldado, aquilo já era um grande avanço. Por isso, simplesmente comentou:

-Não se preocupe. Você não ficou nem um pouco vulgar.

–Acho que vou aproveitar para inaugurar aquelas sandálias pretas que você me deu no último natal. O que acha?

–Perfeito! – e, subitamente, ao cruzar os olhos com os de Eliza pelo espelho, uma emoção muito forte se apoderou do coração de Morgan e uma lágrima correu por sua face. Era impossível evitar a lembrança e a saudade de sua mãe, principalmente quando se contemplava os olhos da irmã.

–O que foi, Morgan? Algum problema?

–Não. Está tudo bem.

–Então, o que houve?

–É que de repente eu me dei de conta de como você cresceu e de como está cada vez mais parecida com a mamãe... tão bela quanto a mamãe.

Lágrimas também correram pelas faces de Eliza ao lembrar dos pais e do irmãozinho caçula.

–Ela faz muita falta, não é mesmo!

Os olhos se fecharam numa amargura contida. Mas também sinto falta deles, principalmente do papai. Às vezes, quando sonho, tenho a impressão de vê-los sorrindo para mim e eu tento falar alguma coisa, mas quando eu me aproximo ... de repente eu acordo soluçando e começo a chorar!

–Eu também. E às vezes parece que nunca vou conseguir me conformar com o que aconteceu a eles... – Morgan fez uma pausa para tentar controlar a emoção. Aquele era o dia do aniversário de sua irmã, portanto era um dia de alegria. – Desculpe. Não devia ter tocado nesse assunto, mas deviam ter revelado essas emoções a tia espírita Eliza, que poderia esclarecer muita coisa com a sua equipe de estudos mediúnicos do Centro Espírita Allan Kardec, aliviando essas dores da alma de ambas as sobrinhas queridas.

Eliza se levantou e ambas trocaram um abraço afetuoso.

–Ainda bem que temos uma à outra.

–É verdade. Não sei o que seria da minha vida sem você... Ainda bem que naquele dia você resolveu ficar comigo.

–Lembro que você estava muito chateada, por causa da discussão no dia anterior com o papai – disse Eliza com suavidade. – Por isso, resolvi ficar.